

SILENCIAMENTO DA VOZ FEMININA NO AMBIENTE ESCOLAR: UMA DISCUSSÃO DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO A PARTIR DA EXPERIÊNCIA NARRADA

Carla Carvalho Carniel

IFSP *Campus* São Carlos

carla.carniel@aluno.ifsp.edu.br

Giordano Barbin Bertelli

IFSP *Campus* São Carlos

giordano.bertelli@ifsp.edu.br

Resumo:

O presente trabalho discute o silenciamento da voz feminina no ambiente escolar, compreendendo-o como um processo que ultrapassa a simples ausência de fala e se manifesta na naturalização de práticas violentas e na deslegitimação das experiências vividas. O objetivo geral é analisar como o silenciamento da voz feminina ocorre no contexto escolar. A pesquisa é de natureza qualitativa, exploratória e descritiva, fundamentada na articulação entre referencial teórico e relato de experiência. O percurso metodológico consistiu na organização cronológica dos episódios narrados, na identificação de mecanismos de silenciamento e na análise de seus impactos na construção da autoestima. A hipótese de análise é que a repetição e banalização das violências contribuem para a internalização do silenciamento, afetando a percepção de si e a capacidade de reconhecimento das situações vividas. Espera-se que os resultados contribuam para o aprofundamento da investigação das relações entre violência e silenciamento no espaço escolar, ampliando o debate sobre práticas que valorizem a escuta e a participação democrática na escola.

Palavras-chave: Silenciamento; Voz Feminina; Violência de Gênero.

1) Introdução

Silenciar significa calar, impedir que algo seja expresso. No âmbito social, entretanto, o silenciamento ultrapassa a simples ausência de fala, configurando-se como um processo simbólico que deslegitima experiências, minimiza percepções e enfraquece a possibilidade de reconhecimento do sujeito enquanto alguém que pode falar e ser ouvido.

No que se refere à voz feminina, esse processo assume dimensões estruturais. Como afirma Gayatri Chakravorty Spivak:

Como parte da mesma formação ideológica masculino-imperialista que molda o desejo de 'sedução da filha', constrói-se também a categoria monolítica da 'mulher do Terceiro Mundo', uma construção que apaga a diversidade e voz dessas mulheres, reduzindo-as a vítimas passivas dentro de um discurso colonialista (Spivak, 1997, p. 91).

Para Spivak, essa ideia mostra que o patriarcado e o colonialismo criam uma imagem única e estereotipada da “mulher” – neste caso, como se fossem sempre iguais e sempre vítimas. Para a mesma autora, é essa representação homogeneizada, que apaga as diferenças entre essas as mulheres (plurais em si e entre si) que silencia suas vozes, impedindo que sejam reconhecidas como sujeitos com agência e capacidade de falar por si mesmas.

No ambiente escolar, o silenciamento ocorre não apenas quando a fala é proibida, mas também quando experiências são banalizadas ou tratadas como algo comum, mediante, muitas vezes, sua remissão a uma narrativa prévia, estereotipada sobre as mulheres – cujo núcleo discursivo repetidamente é a responsabilização da própria vítima. Tais práticas, cuja concretude no ambiente escolar muitas vezes se faz sentir pela ausência de escuta institucional, contribuem para sedimentação de mecanismos de naturalização da violência de gênero na escola.

2) Objetivos e percurso metodológico

Tendo em vista esta problemática, esta pesquisa pergunta pelas práticas mediante as quais ocorrem o silenciamento da voz feminina no ambiente escolar. Desta primeira questão, desdobra-se outra: quais os impactos destas práticas na formação dos sujeitos, sobretudo no diz respeito à sua autoestima?

A princípio, trabalhamos com a hipótese de que a repetição e banalização das violências contribuem para a internalização do silenciamento, afetando a percepção de si e a capacidade de reconhecimento das situações vividas.

Sendo assim, o objetivo geral consiste em analisar como o silenciamento da voz feminina ocorre no ambiente escolar. Para tanto, pretende-se i) Identificar, nas práticas escolares vivenciadas, os mecanismos de silenciamento no ambiente escolar; ii) Identificar situações de risco e violência vivenciadas nesse contexto; e iii) Analisar os impactos dessas vivências na construção da autoestima.

A pesquisa é de natureza qualitativa, exploratória e descritiva, fundamentada na articulação entre referencial teórico e relato de experiência – .mediante organização e análise textual dos episódios narrados, com vistas à identificação de mecanismos de silenciamento e na análise de seus impactos na construção da autoestima.

Quanto à fonte dos dados, trata-se de pesquisa bibliográfica e documental. Bibliográfica, por fundamentar-se em autores que discutem silenciamento, experiência e relações de poder; e documental, por utilizar o relato de experiência escrito como material de análise. O procedimento metodológico consistiu na organização e análise textual dos episódios narrados, articulando-os ao referencial teórico adotado (Gil, 2008).

3) Considerações

Espera-se que a análise da experiência narrada evidencie que o silenciamento da voz feminina no ambiente escolar não se manifesta apenas por meio da proibição explícita da fala, mas também pela naturalização de práticas violentas, pela ausência de escuta institucional e pela responsabilização da própria vítima. Na perspectiva desta pesquisa, tais mecanismos contribuem para a internalização da violência e impactam diretamente a construção da autoestima.

4) Referências

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.